



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E SUAS RESPECTIVAS LITERATURAS

ALESSANDRA BORGES DE BRITO

RESSIGNIFICAR O ENSINO DE LÍNGUA SOB O VIÉS DA FÁBULA

BELÉM - PA
2025

ALESSANDRA BORGES DE BRITO

RESSIGNIFICAR O ENSINO DE LÍNGUA SOB O VIÉS DA FÁBULA

Trabalho Final apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas da Universidade do Estado do Pará, sob orientação do Prof. Dr. José Roberto Alves da Silva, e coorientação da Profa. Dra. Valéria Cristian Soares Ramos da Silva.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliete de Jesus Bararúá Solano

Profa. Dra. Valéria Cristian Soares Ramos da Silva

Prof. Dr. José Roberto Alves da Silva

RESSIGNIFICAR O ENSINO DE LÍNGUA SOB O VIÉS DA FÁBULA

Alessandra Borges Brito¹

José Roberto Alves da Silva²

Valéria Cristian Soares Ramos da Silva³

RESUMO

No contexto da educação básica, a formação de leitores críticos e criativos é um desafio constante. As fábulas, com sua riqueza de conteúdo e estrutura narrativa concisa e rica em significados, podem ser explorados em sala de aula, pois oferecem uma oportunidade única para desenvolver habilidades de leitura, interpretação e produção de texto. Esse artigo apresenta uma proposta voltada para ressignificar o ensino de Língua Portuguesa pelo viés da fábula e tem como objetivo explorar o potencial desse gênero como recurso de ensino nas aulas de Língua Portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental, destacando suas contribuições para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e cultural dos alunos. Essa temática emergiu da atuação e da prática de ensino de Língua Portuguesa na educação básica. Para dar suporte a este estudo, tem-se como referencial teórico: Antunes (2003); Tanajura e Bezerra (2015); Franco, Pereira e Costa-Hübes (2020). A metodologia se fundamentou na pesquisa-ação, caracterizada por sua natureza interativa e colaborativa, que permite ao pesquisador se envolver ativamente com os participantes a fim de transformar as realidades investigadas. Esse estudo oportunizou a criação de estratégias de ensino por meio do gênero Fábula, originando como produto educacional: Um Guia Didático. Isso possibilitou que os professores de Língua Portuguesa do 6º ano trabalhassem com estratégias de metodologias ativas a partir das narrativas do gênero fábula, colocando o aluno no centro do processo de aprendizagem, de modo que o discente consiga refletir sobre suas vivências, relacionando-as ao meio social em que vive.

Palavras-chave: ensino fundamental; fábulas; leitura e escrita; Língua Portuguesa.

ABSTRACT

In the context of basic education, developing critical and creative readers is a constant challenge. Fables, with their rich content and concise narrative structure rich in meaning, can be explored in the classroom, as they offer a unique opportunity to develop reading, comprehension, and writing skills. This article presents a proposal to redefine Portuguese language teaching through the lens of the fable and aims to explore the potential of this genre as a teaching resource in Portuguese language classes for the final years of elementary school, highlighting its contributions to students' linguistic, cognitive, and cultural development. This theme emerged from the practice of Portuguese language teaching in basic education. The theoretical framework for this study is: Antunes (2003); Tanajura and Bezerra (2015); Franco, Pereira, and Costa-Hübes (2020). The methodology was based on action research, characterized by its interactive and collaborative nature, which allows the researcher to actively engage with participants in order to transform the realities investigated. This study provided the opportunity to create teaching strategies using the fable genre, resulting in the educational product: A Didactic Guide. This enabled

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas Respectivas Literaturas (PPGELL/UEPA), Professora de Ensino Fundamental da Prefeitura de Augusto Corrêa. E-mail: sandraamei2035@gmail.com

² Orientador - Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará/UEPA, do Departamento de Educação Geral. E-mail: roberto.silva@uepa.br; <http://lattes.cnpq.br/0654774935235794>; <http://orcid.org/0000-0001-98146451>

³ Coorientadora - Professora Adjunta da Universidade do Estado do Pará/UEPA, do Departamento de Língua e Literatura/DLLT. E-mail: valeria.cristian@uepa.br; <http://lattes.cnpq.br/0746722306992524>; <http://orcid.org/0000-0001-8194-5783>.

6th-grade Portuguese Language teachers to work with active methodological strategies based on fable narratives, placing the student at the center of the learning process, in a way that students can reflect on their experiences and relate them to the social environment in which they live.

Keywords: fables; portuguese language; primary education; reading and writing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	8
2.1 A fábula no contexto literário	11
2.2 A leitura dialógica de fábulas e inventividade	12
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	16
3.1 Lócus da pesquisa	18
3.2 Coleta de dados	19
3.3 Análise dos dados.....	19
3.4 Construção do produto educacional.....	20
3.5 Aplicação do Guia Didático.....	21
3.5.1 Primeiro momento – Síntese diagnóstica e apresentação do gênero fábula	22
3.5.2 Segundo momento – Elementos da narrativa	23
3.5.3 Terceiro momento – Trabalhando com fábulas.....	24
3.5.4 Quarto momento – Produção de texto	24
3.5.5 Quinto momento – Estudo do texto.....	25
3.5.6 Sexto momento – Reescrita do texto.....	25
3.6 Análise da aplicação do produto	26
3.7 Validação do produto.....	28
4 A VIVÊNCIA E IMPACTO DA PESQUISA SOBRE O USO DE FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	29
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O ensino de Língua Portuguesa nas escolas públicas brasileiras tem passado por grandes transformações na contemporaneidade, entretanto grande parte dos professores ainda permanece arraigada a práticas tradicionais no que se refere ao ensino dessa disciplina. Não é difícil encontrar professores que ministram aulas voltadas somente para o ensino de regras gramaticais, exercícios que não levam à reflexão do uso da língua, além de serem práticas de ensino voltadas somente à avaliação do falar e escrever “corretamente”.

Como consequência de um ensino descontextualizado dos usos da língua, bem como o uso contínuo de metodologias que não conseguem desenvolver nos alunos as habilidades e competências necessárias, principalmente no uso da língua em diferentes contextos de comunicação, apresentamos como proposta o tema “Ressignificar o ensino sob o viés da fábula”, cujo foco será problematizar o ensino descontextualizado de língua portuguesa, além de propor a produção de conhecimentos por meio de aulas contextualizadas a partir de um produto educativo, o Guia Didático, o qual traz a fábula como estratégia de ensino. Esse trabalho tem por objetivo promover práticas de ensino e aprendizagem a partir de um novo contexto, por meio de diferentes possibilidades de leituras que exploram o potencial das fábulas como recurso de ensino nas aulas de língua portuguesa para os anos finais do Ensino Fundamental, destacando suas contribuições para o desenvolvimento linguístico, cognitivo e cultural dos alunos.

Para o estudo foram selecionadas quatro fábulas: O cavalo e o burro (Lobato, 1994), que serviu de texto introdutório; A Cigarra e a Formiga (La Fontaine, 1985); O Corvo e a Raposa (La Fontaine, 1989); A Tartaruga e a Lebre (Esopo, 2005) que serviram de suporte para as atividades.

A indispensabilidade deste estudo se justifica pelo intuito de auxiliar a conhecer questões envolvidas no aprendizado da leitura e da escrita de alunos que encontram dificuldades em ler e interpretar textos básicos, de escrever textos curtos e simples, para assim sugerir ações que possam contribuir para mudar essa realidade. Com base nesse contexto, surgiu a proposta de resignificar o ensino por meio de estratégias em que o sujeito fosse convidado a pensar, refletir, e se envolver com o gênero fábula, de tal forma que ele próprio pudesse construir o seu entendimento associado à significação das leituras e, desta conseqüentemente, pudesse superar as dificuldades no processo de desenvolvimento da leitura e escrita de textos.

Essa pesquisa também é relevante no sentido de oferecer aos professores uma ferramenta metodológica que servirá como auxílio nas aulas de língua portuguesa, pois

a apresentar novas possibilidades a serem trabalhadas com diferentes metodologias, ao fazer uso das narrativas do gênero fábula, para fazer com que o aluno reflita sobre suas vivências e saiba fazer relação com o meio social em que vive ao relacionar texto e contexto. Ademais, também poderá dar um novo significado à prática de leitura e escrita, pois a ressignificação do estudo parte do conceito de atribuir um novo olhar com o intuito de superar os padrões estabelecidos como suporte para ensinar e aprender, indo além do que está prescrito como regra e condição. Dentro dessa perspectiva, trabalhar com o gênero fábula nas aulas de língua portuguesa é uma possibilidade viável, acessível e que permitirá ao aluno ler, interpretar e analisar textos e contextos, favorecendo o seu desenvolvimento na leitura e escrita.

Diante do exposto, fomos levados a refletir sobre quais estratégias utilizar para desenvolver a leitura e a escrita de forma significativa, com as quais os sujeitos fossem capazes de se relacionar com o meio social e ser protagonista do seu aprendizado. Assim, direcionamos o estudo com base em um produto educacional, que teve como objetivo a produção do conhecimento a partir das metodologias ativas aplicadas ao ensino de língua portuguesa, apoiado nas aprendizagens cooperativas, em que todos pudessem se ajudar mutuamente.

A partir da dificuldade de envolvimento dos discentes com as atividades propostas em sala, tomamos o gênero fábula como referência para o estudo em uma turma de vinte alunos. Conhecido como um gênero de fácil compreensão, essa narrativa abre espaço para discutir vários problemas, além de possibilitar que o discente se envolva nos fatos da história e na vida real, permitindo que ele conte e reconte suas vivências. A fábula vislumbra características moralizantes, pois, carrega consigo ensinamentos valiosos através da tradicional “moral da história”. Esse gênero surgiu de forma oral, que posteriormente evoluiu para a forma escrita. Para Mesquita (2002), a fábula é um gênero comum a todas as literaturas em todos os tempos, uma vez que pertence ao folclore primitivo. É uma história espontânea, tem uma escrita simples e uma narrativa breve, na qual a imaginação está presente para divertir e instruir, além de utilizar alegorias que tornam leve o que de outra forma seria árido e difícil.

Atentos aos documentos oficiais, especialmente à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), da área de linguagens e suas tecnologias, no que tange ao ensino de língua portuguesa, cabe possibilitar aos estudantes a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens (Brasil, 2018). Dessa maneira, é também nosso intuito, na construção do Guia Didático, buscar desenvolver habilidades e competências referentes à leitura e escrita apoiados em metodologias ativas e estratégias de ensino que buscam colocar o aluno como centro do processo de aprendizagem, tendo o professor como mediador nesse processo.

No percurso do desenvolvimento do estudo, observou-se a interação dos docentes com os colegas e professores, a socialização dos fatos, o envolvimento nos jogos e brincadeiras, assim como o progresso na leitura e escrita.

Para buscar resposta à problemática de aprendizagem de leitura e escrita, o trabalho se ancorou na metodologia de pesquisa-ação, um estudo que trabalha com uma ação, imbuída na resolução de um problema. Trata-se de uma investigação prática que evidencia seus esforços, análises e reflexões na possível solução ou proposição de uma intervenção do problema, pois ela possibilita uma estratégia de experimento para explicar algo.

O artigo está estruturado em cinco tópicos: no primeiro tópico problematizamos o ensino de língua portuguesa e a exploração do gênero fábula no contexto literário; no segundo tópico destacamos a leitura dialógica de fábulas e a inventividade; no terceiro tópico apresentamos o percurso metodológico e suas especificidades para a realização da pesquisa; no quarto tópico apresentamos as considerações finais e, por último, as referências utilizadas no estudo.

2 O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

O ensino de língua ainda vem enfrentando uma perspectiva reducionista, do estudo da palavra e da frase trabalhada de forma descontextualizada, voltado para o estudo da gramática normativa, isso tem contribuído de certa forma para a dificuldade de leitura e escrita do aluno, o qual também tem se sentido frustrado diante dessa situação de aprendizagem, sentindo-se afetado pelo insucesso escolar, em que, em muitos casos se sente inferior em relação aos colegas por não conseguir ter domínio do ensino da língua; da disciplina; dos conteúdos ministrados.

Contudo, diante desse dilema, temos uma série de fatores em volta do processo de ensino e aprendizagem que contribuem com a dificuldade no avanço do ensino da língua, tais como, o pouco conhecimento do professor sobre o funcionamento da linguagem, a condução das atividades de forma descontextualizada, a cobrança do sistema sobre os conteúdos que devem ser repassados. Há também aqueles profissionais que receberam uma formação prescritiva e continuam a trilhar um caminho tradicional em termos do estudo da linguagem.

O ensino da gramática normativa de modo descontextualizado ainda vem sendo muito utilizado nas escolas, isso tem desviado a atenção do ensino que envolva o discente de forma crítica e significativa nas práticas sociais de linguagem. Por certo o ensino-aprendizagem da gramática deveria ser visto como instrumento auxiliar no aprendizado das habilidades básicas, como o ato de ler e escrever, porém, não se pode resumir à mera exposição de regras desconexas, pois o objetivo do ensino da gramática corresponde à necessidade de aprimorar a

competência do aluno no uso da língua, tanto na modalidade oral quanto na escrita, contribuindo para que seu desempenho como falante e ouvinte aconteça de forma adequada e segura nas mais variadas situações de interação, assim como na capacidade de produzir e interpretar textos orais e escritos.

Em seu postulado de informações diante do conhecimento da prática da escrita, Antunes corrobora afirmando que:

A prática de uma escrita artificial e inexpressiva, realizada em “exercícios” de criar listas de palavras soltas ou, ainda, de formar frases. Tais palavras e frases isoladas, desvinculadas de qualquer contexto comunicativo, são vazias do sentido e das intenções com que as pessoas dizem as coisas que têm a dizer (Antunes, 2003, p.26).

Trazer para discussão a leitura e a escrita nos leva a perceber as mudanças que ocorreram nos últimos anos referentes a essas práticas. No uso da escrita nos aparelhos celulares, observamos as abreviações das palavras, tendo como justificativa a praticidade das redes sociais, que também tem ocupado os escritos dos alunos nas produções de textos, ou mesmo uma mensagem de voz devido à rapidez, ou falta de tempo de digitar uma mensagem.

É perceptível que esse dilema também se estendeu à escola, que pouco faz uso da leitura enquanto prazer, gosto pelo ato de ler. Apesar de alguns esforços de trabalhos com os contos de fada, principalmente na educação infantil, observou-se que a leitura vem perdendo espaço cada vez mais para os desenhos animados, seja na televisão, ou mesmo no celular. Essa atitude têm distanciado cada vez mais as crianças do interesse pela leitura dos livros de histórias, consequências que teremos que enfrentar no futuro, visto que no Ensino Fundamental enfrentamos sérios problemas, com alguns adolescentes que não gostam de ler.

Pensar o ensino de leitura na escola significa pensar nas relações sociais envolvidas com as habilidades de acesso à escrita, baseada de certo modo, no desenvolvimento das habilidades de leitura. Antunes (2003, p. 27) discute sobre a “atividade de leitura sem interesse, sem função, desvinculada dos diferentes usos sociais atualmente”, pois, para a autora, a leitura sem função ignora o papel social e utilitário, no momento em que deixa de trazer para discussão os problemas sociais que estão em diferentes espaços e que fazem parte do cotidiano dos discentes. Desta forma, são eles que precisam fazer parte do ambiente de sala de aula, para que os alunos tomem consciência dos problemas existentes no meio social, os quais geralmente são esquecidos ou não tem importância para alguns.

A atividade puramente escolar, pensada como treino para trabalhar as dificuldades de leitura e escrita, deve ser repensada e reformulada, para que realmente seja possível integrar os

desafios de sala de aula, pois muito se discute sobre uma educação que ultrapasse os muros da escola, sobre a qual o discente faça suas reflexões a partir das informações recebidas, relacionando-as com inúmeras questões que devem ser discutidas, trabalhadas, problematizadas e trazidas para o chão da sala de aula. Neste sentido, o discente passa a ser protagonista de suas produções e decisões, pois não cabe à escola doutrinar, mas abrir espaço para discussão e permitir que ele decida o que fazer com a informação recebida. Antunes (2003) abarca essa discussão ao argumentar que:

Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal - quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro lado do texto (Antunes, 2003, p. 27).

Antunes entende que há práticas de escrita que se limitam apenas ao exercício de aspectos relevantes da língua, enquanto que outras trabalham com a escrita improvisada, sem nenhuma preocupação com o escrito, sem possibilitar algum sentido coerente ou não, apenas pelo fato de exercitar a escrita. Segundo a compreensão de Antunes, quando a atividade de leitura acontece apenas pela decodificação do texto, não há um encontro com o autor, pois a significação que precisava ser buscada pelo entendimento do texto ficou apenas na leitura mecânica. Assim, a prática docente se reduz a atividades de leitura sem função, desvinculadas dos diferentes usos sociais e que não conduzem a uma compreensão da realidade.

Antunes (2003) ainda discute algumas questões referentes às dificuldades enfrentadas pelos alunos nas atividades de leitura. Entre essas questões está o equívoco de professores em torno das relações entre oralidade e escrita, em que compreendem a fala como o lugar do erro, onde tudo é permitido, uma vez que ela não tem organização gramatical. A escrita, por sua vez, é organizada e sistematizada, configurando um modelo a ser ensinado somente dentro dos padrões normativos.

No entanto, como tem ocorrido em várias realidades, a prática da escrita em sala de aula ainda resulta de uma escrita artificial, realizada por atividades voltadas a palavras soltas. Antunes (2003) afirma que tais práticas tornam palavras e frases descontextualizadas, de difícil entendimento para o aluno na formulação de textos, uma vez que ninguém utiliza a fala de forma fragmentada, fora do enunciado. Para a escrita ter sentido, ela deve estar dentro de um contexto, para que assim o aluno possa dar significado ao que lê e escreve, pois, como bem descreve a autora, a prática de escrita sem função interacional acontece fora da relação entre linguagem e mundo, autor e leitor do texto, servindo apenas para exercitar a escrita do discente.

No campo da BNCC (2018), a leitura toma um sentido mais amplo no desenvolvimento das competências e habilidades, compreende as práticas de linguagem como interação ativa do leitor com os textos escritos, orais e multissemióticos. Logo, tem-se o objetivo de desenvolver a linguagem e a compreensão do mundo, bem como estabelecer relações entre o texto e os conhecimentos prévios, vivências, valores e crenças, ampliando o letramento.

Contudo, ela traz também para o campo de discussão os gêneros textuais como suporte para o ensino de língua materna, assim como de outras disciplinas, no intuito de contribuir com as reflexões sobre diversos temas. No campo da linguagem, a leitura caminha em meio às competências específicas e traz para a discussão as diferentes linguagens e práticas culturais, assim como a produção e recepção de discursos, efeitos de sentidos decorrente do uso expressivo da linguagem. A leitura em sala de aula, embora seja vista como uma prática rudimentar, ainda exerce sobre a consciência do aluno os conhecimentos linguísticos, os aspectos cognitivos, a consciência de mundo e a reflexão para a vida. Fazer uso da leitura por meio dos gêneros textuais como objeto de ensino, possibilita o desenvolvimento do ensino-aprendizagem de modo mais satisfatório, não só para os discentes, mas também para os docentes.

2.1 A fábula no contexto literário

A literatura é conhecida como uma prática cultural, artística e prazerosa, usada na construção de emoções e ideias. Como conceito entende-se que é a arte de compor escritos, em prosa ou em verso, de acordo com determinados princípios teóricos ou práticos. Contudo, de acordo com a reflexão de Cândido, a literatura é vista como “força humanizadora, não como sistema de obras [...] é algo que exprime o homem e depois atua na própria formação do homem”. (Cândido, 2002, p.80). Para este autor, a literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos tornamos compreensivos e abertos, à sociedade e ao semelhante.

De forma abrangente, compreende-se que a literatura deve manifestar os sentimentos, as expressões que estão imbuídas no sujeito por meio da sua cultura, da sua vivência, do meio no qual vive e convive, depois que consegue alcançar o leitor, volta a atuar neste mesmo homem, a partir das contribuições que o meio apresenta, seja moral, intelectual, social, psicológico ou mesmo científica. Nessa relação, ela traz para a discussão os problemas sociais, que precisam ser vistos e discutidos. No entanto, o aluno precisa conhecer para depois interagir, independentemente do lugar onde mora.

O gênero fábula possibilita ao aluno adentrar nessa dinâmica por meio das suas vivências, quando interage com o outro, se relaciona e se enlaça no enredo da história para compreender os fatos, para que o mesmo consiga entender as contribuições que as histórias, sejam elas reais ou fictícias, podem proporcionar na sua vida.

Essa discussão não deve ser vista como algo fora de nossa realidade, as leituras literárias devem ter como objetivo envolver o aluno nesta dinâmica. Neste estudo trazemos o gênero fábula para mostrar como é possível ressignificar o ensino por meio da literatura, pois é um gênero que traz consigo diferentes problemáticas que permeiam a sociedade e que podemos trabalhar em nossas salas de aulas. Essas narrativas trazem para a discussão, nos pequenos atos e ações dos personagens, questões relevantes para o aprendizado dos discentes.

A fábula é uma história curta, que desperta a imaginação e o interesse das pessoas em ouvir, se apresenta de maneira agradável e expõe uma verdade que, se contada de outro modo, talvez fosse difícil de ser assimilada, pois se utiliza dos problemas inerentes à sociedade para ensinar lições éticas e morais de maneira acessível. A fábula a partir das lições, traz uma mensagem de reflexão que possibilita ao aluno repensar seus atos e atitudes, tornando propício o desenvolvimento da educação e da formação de valores em diversas culturas. No âmbito escolar, a fábula envolve o aluno por meio da imaginação, sensibilidade dos fatos, além de instruir e despertar a atenção para as atitudes dos personagens da obra.

A fábula possibilita reconhecer as características humanas na relação entre os personagens por meio da figura dos animais quando estes se valem da vaidade, como por exemplo, na fábula do Corvo e a Raposa; do julgamento, como na fábula da Tartaruga e a Lebre; ou mesmo do egoísmo, na fábula do Cavalo e o burro. Assim damos poder de voz aos personagens diante dos atos.

2.2 A leitura dialógica de fábulas e inventividade

A linguagem dialógica permite ao homem dialogar com o meio social de forma interativa, em uma relação que oportuniza o sujeito a conhecer o mundo. Para corroborar com esta afirmação, Franco, Pereira e Costa-Hübes (2020) direcionam seu entendimento e concluem que:

A linguagem é dialógica porque é social e historicamente constituída nas relações entre os homens, sempre tensas, valoradas, multifacetadas, em razão da refração e do reflexo de valores em diferentes meios, como a consciência ou o próprio meio social diverso [...] (Franco; Pereira; Costa-Hübes, 2020, p. 189).

A leitura dialógica se constitui a partir da relação do homem com o meio social, seja em suas falas, memórias, histórias, no conhecimento de mundo e até mesmo na fala do outro. Desta forma, quando o homem interage com o meio, ele abre espaço para a construção e produção de sentido, esse entendimento foi baseado no estudo três autores que discorrem com autoridade como essa relação acontece e afirmam que: “as relações dialógicas, em sua maioria extralinguística, são constituidoras da historicidade dos objetos do discurso, dos gêneros que se mobilizam e da enunciação concreta”. Franco, Pereira e Costa-Hübes (p. 189-190).

Assim, o aluno se constitui e contribui para a formação do outro, por meio dos sentidos que são atribuídos na composição desse envoltório. Nesse sentido, compreende-se que essa relação se faz importante em sala de aula, uma vez que o aluno traz para discussão as suas vivências, as suas falas e as suas histórias, que podem estar enraizados em suas memórias.

Ao conduzir essa explicação, para entender como acontece essa interação entre o ouvinte/leitor/interlocutor, Bakhtin (2006) apresenta em seus escritos o que seria a interação discursiva entre os integrantes do diálogo, os quais se apresentam ora como falantes, ora como ouvintes, em que ambos, em certo momento, tendem a concordar ou discordar do discurso um do outro. Para esclarecer melhor, ele afirma que:

[...] o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é preenche de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: ouvinte se torna falante [...] (Bakhtin, 2006, p. 271).

A leitura dialógica do gênero fábula traz à tona as imagens, as falas, as atitudes dos personagens como análise do discurso vivo, pois, dependendo do entendimento de cada autor, a partir da história, do tempo e da faixa etária sobre a qual quer se referir, reorganiza o discurso e elabora uma linguagem de fácil entendimento para que o leitor possa compreender o sentido valorativo atribuído aos personagens.

As fábulas sustentam um discurso moralizante, carregado de juízo de valor, debruçado sobre as características do personagem, suas atitudes, falas e gestos, fazendo recair sobre ele a reação e o posicionamento dos aspectos éticos, que se apresentam na vida social e histórica organizada, carregado de verdades diante do que é “certo ou errado”. Na fábula a Cigarra e a Formiga que será visto mais a frente irão perceber-se claramente o juízo de valor que a formiga

tece ao ouvir as explicações da cigarra. Afinal, ao cantar, que bem e mal a cigarra fazia para a formiga, será que o trabalho vale muito mais que aquilo que se gosta de fazer?

As fábulas se firmam no campo literário por meio da escrita, trazendo consigo um discurso “atemporal”. Seus ecos valorativos perpassam um novo enunciado a partir do olhar do sujeito, uma construção que abre espaço para diferentes reflexões a partir da moralização. Contudo, é neste contexto moralizante que em muitas falas se ecoam a arrogância, o preconceito, o juízo de valor, o julgamento, onde aquilo que está posto é visto como algo fora do lugar, logo não cabe naquele determinado contexto ou foge à regra da sociedade, a qual, em diversas ocasiões, determina o modelo de comportamento, de cor, de sexo, por entender que na história da sociedade não “era assim” e não acontecia de tal forma.

Tomamos como exemplo a fábula “A Cigarra e a Formiga” (La Fontaine, 1985), em que a cigarra é apresentada como aquela que passava o verão todo cantando, enquanto a formiga é aquela que só trabalhava para guardar alimentos para quando chegasse o inverno. Com o passar dos dias, chega o inverno; a cigarra, totalmente desagasalhada, foi pedir abrigo na casa da formiga; a formiga, ao olhar para a cigarra, lembra dos conselhos que deu à amiga e recorda: “passaste o verão todo cantando, agora dance”. Encontramos na história arquétipos humanos que nos conduzem a uma interpretação sobre as atitudes do homem em sociedade, a personagem formiga apresenta a arrogância, a insensibilidade, a indiferença, diante da decisão da personagem cigarra, que utiliza a arte de cantar como meio de trabalho.

No desfecho da história na obra de Jean La Fontaine (1985), percebe-se na fala da personagem formiga um tom de maldade, desprezo e repúdio, pela atitude da cigarra durante o verão, quando a personagem é vista como preguiçosa. Ao incidir sobre o sentido valorativo na fala da formiga, refletimos sobre a forma como a sociedade acolhe aqueles que vivem da arte ou mesmo como acolhemos a cultura vista como arte em sua diversidade, em muitos casos julgados pelo moralismo do que é certo ou errado.

Enquanto isso, a personagem formiga em um contexto do capitalismo selvagem, trabalha incansavelmente, sem pensar em um tempo para seu descanso, mas não é reconhecida, pois, ao inferir o sentido de valor na vida da personagem formiga, observamos quantos direitos trabalhistas são negados, quando muitos são forçados a trabalhar além do seu limite, sem tempo para cuidar até mesmo de si, como estabelecido pela escala de trabalho 6x1, na qual o trabalhador cumpre seu ofício durante 6 (seis) dias seguidos e folga em 1 (um) dia apenas. Observamos que o discurso vivo está muito presente nessa relação autor-texto-leitor das fábulas escolhidas, que leva o leitor a construir sua reflexão a partir das inúmeras possibilidades de discussão que é proposto em cada momento da história. Não se está falando

apenas de leitura pela leitura, mas da leitura da fábula direcionada ao contexto social.

De acordo com Moreira e Mendes-Polato (2021)

A fábula “A Cigarra e a Formiga” foi escrita por La Fontaine no século XVII, no momento histórico de primeiros indícios do capitalismo. Nesse sistema temos de um lado uma pequena parcela da população que é dona dos meios de produção e, a partir da acumulação de riquezas, eleva o seu poder econômico, e de outro, um número muito grande de proletários que trabalham para garantir suas necessidades gerais [...] Já a fábula “A Formiga Boa” foi escrita por Monteiro Lobato no começo do século XX, num Brasil rural onde se procurava compartilhar a noção de ajuda entre as pessoas. Ele é, por um lado, considerado um autor humanista que colaborou para a formação de uma sociedade na qual aspectos negativos cedem lugar à esperança e à confiança na vida (Moreira e Mendes-Polato, 2021, p. 214).

A partir da leitura das versões dessas fábulas, pode ser feita uma análise comparativa com o intuito de ampliar a discussão e ao mesmo tempo contribuir com o processo de interação dos alunos com o conteúdo que foi discutido nessas fábulas. Torna-se possível, deste modo, construir reflexões sobre os valores transmitidos a partir da caracterização das personagens cigarra e formiga em cada versão da fábula, bem com as suas implicações sociais nos desfechos.

Na obra “A Raposa e o Corvo” (La Fontaine, 1989), percebe-se na leitura que houve uma intenção de convencimento, em que a raposa, na condição de animal astuto e esperto, tenta convencer o corvo fazendo elogios exagerados a ponto de o iludir, focando na vaidade dele, fazendo-o acreditar que seu canto era melhor que das outras aves. A raposa muito inteligente, após convencer o corvo e tomar posse do pedaço de queijo, rechaçou o corvo ao chamá-lo de tolo e ingênuo.

Ao interagir com o texto, conduzindo-o para uma interpretação do discurso vivo na fala da personagem raposa, logo percebeu-se o sentido de valor que é dado ao corvo para que ele se sentisse superior em relação às outras aves, pois diante das palavras de convencimento, o seu ego falou mais alto, passando a acreditar nas qualidades que a raposa lhe conferiu. A soberba e a altivez conduziram a personagem a revelar um problema social que tem incitado as pessoas a agirem de forma racista e preconceituosa por se sentirem superiores às outras, quer seja pela cor da pele, quer seja pela condição financeira, beleza, estudo ou mesmo pela posição social que ocupa.

Além disso, algo nos convidou à seguinte reflexão: o fato de o corvo ter se deixado iludir pela raposa, isso nos mostra o poder de convencimento que um discurso pode ter. Esse diálogo nos remete a repensar como vem acontecendo a formação desse discente, a ponto de ele saber discutir e dialogar com o outro de modo que não se deixe iludir facilmente. A raposa, com a sua esperteza, representa aqueles que sabem se defender, convencer, se dar bem, traz a

imagem do “malandro” brasileiro, do político mal caráter, entre outros.

Na obra a “Tartaruga e a Lebre” (Esopo, 2005), as personagens dialogam entre si, convictos de suas capacidades, uma vez que a fala da tartaruga, embora esta seja vista como um animal mais lento, não se deixa convencer pela lebre, quando ela faz caçoada da lerdeza da amiga. Por isso, diante das gozações (*bullying*) que a tartaruga vinha sofrendo da lebre, ela toma uma atitude e desafia a sua adversária para uma corrida. Após a corrida iniciar, a lebre, convencida de que iria ganhar, por se tratar de um animal veloz, se deitou e dormiu, enquanto que a tartaruga, mesmo com suas limitações, não desistiu e perseverou até cruzar a linha de chegada.

No discurso das personagens há falas que nos conduzem a pensar como a personagem tartaruga se sentia ao ser motivo de chacota entre seus amigos, de ser vista como incapaz e lerda. Ao tomar a decisão de convidar a lebre para uma disputa, a relação dialógica na fala da tartaruga revela a compreensão dos fatos por meio do extralinguístico, que está presente na historicidade dos objetos do discurso. A atitude da tartaruga mostra para todos que moram naquela floresta, que mesmo não tendo a mesma habilidade que a lebre, precisava dar um basta na situação que talvez viesse sofrendo há muito tempo.

Em torno da fábula “A tartaruga e a Lebre”, o discurso vivo na fala da tartaruga nos leva a refletir sobre a violência psicológica, o *bullying*, a depressão, a ansiedade que muitas crianças, adolescentes e jovens têm sofrido nas escolas, sendo que em muitos casos a mutilação parece ser a solução, por não saber lidar com os problemas que vêm sofrendo. Essa relação de interação autor-texto-leitor nos leva à compreensão da relação dos fatos em torno do enunciado.

A relação entre a causa e a consequência incide sobre a construção de valor, que a fábula reflete sobre a personagem, levando-o a tomar uma atitude diante dos fatos ocorridos. O entendimento dos fatos nas fábulas nos direciona para o entendimento de Sobral e Giacomelli (2016, p.148), que retrata que os “atos são determinados por regras e convenções socialmente definidas que incidem sobre a escolha de palavras, expressões, proposições”. As fábulas nos remetem a uma relação com a vida real, por meio das falas, das expressões, gestos, ações, com tudo que se apresenta diante dos posicionamentos da vida, chamando a atenção para diversas problemáticas que acometem os alunos, o que causa um embate de cunho social.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo adotou uma abordagem de pesquisa-ação, com base na contribuição de Tanajura e Bezerra (2015), que afirmam que pesquisa-ação é um tipo de pesquisa que propõe

uma ação para transformar as realidades investigadas e visa a produção de conhecimento. Ela tem recebido críticas pelo fato do pesquisador se envolver ativamente com a ação e com os participantes, no entanto alguns autores enfatizam a eficiência do estudo. Ao reafirmar este entendimento, Tripp (2005) enfatiza sobre a eficiência da pesquisa, pontuando que:

Ela propicia o planejamento para compreender melhor a situação, promove a ação responsável; contribui para a obtenção de mais dados e de melhor qualidade, favorece a melhoria das reflexões para agir criticamente; e possibilita o registro, promovendo a aprendizagem através da disseminação das experiências [...] (Tripp, 2005, p. 466).

Para tanto, a pesquisa-ação possibilitou uma investigação dos problemas por meio do gênero fábula no ensino de língua portuguesa, em uma Escola Municipal de Ensino fundamental no Município de Augusto Corrêa, no estado do Pará(PA), com foco em alunos do 6º ano do ensino fundamental, em uma turma de 17 alunos frequentes, no turno vespertino. Essa investigação exigiu esforços, análises e reflexões na possível solução ou proposição de uma intervenção do problema evidenciado na dificuldade de leitura e escrita dos alunos da referida turma.

Nesse caminhar, por meio da pesquisa-ação, foi possível conhecer um pouco da realidade escolar, e entender as dificuldades que os alunos carregam consigo para o desenvolvimento da leitura e da escrita nesse ambiente. Reconhecemos que a dificuldade com o exercício da leitura e a escrita não pode ser classificado como um simples caso isolado, daí o cuidado e atenção redobrados que tivemos com esses alunos e alunas, que carregam consigo as suas angústias, medos e dores. A seus olhos, a escola deixou de ser um lugar acolhedor e passou a ser um lugar apenas de aprendizado formal.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, não se voltou para o estudo da língua como forma de aprender a ler e escrever, de forma codificada e decodificada, mas fez uso da língua sob o viés da fábula para trazer à tona vários problemas que foram discutidos, tais como problemas familiares, pessoais e sociais. Diante das diferentes ocorrências que este gênero apresenta, a fábula veio abrir espaço para discussões que estavam presentes na vida dos discentes e externar esta realidade.

Desta forma, por meio da fábula, conseguiu-se atribuir significado às suas vivências, passamos a valorizar o entendimento da sua realidade, construímos relação com outras realidades, a fim de compreender também a vivência do outro e seus questionamentos. Esta pesquisa teve como resultado um produto educacional, um Guia Didático, que visa oferecer aos professores do 6º ano do Ensino Fundamental, um material rico e com diferentes possibilidades

de ensino e aprendizagem de língua portuguesa.

Os dados desta pesquisa foram coletados por meio de observação participante durante as aulas de Língua Portuguesa para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Augusto Corrêa(PA). A seguir, os dados foram analisados para subsidiar a construção do produto educacional, o Guia Didático, destinado a professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, com sugestões de atividades de leitura e reescrita de fábulas, de modo que incentive vivências significativas. Com o produto construído, foi feita a aplicação, a análise da aplicação e validação, essas etapas serão explicadas detalhadamente nos subtópicos a seguir.

3.1 Lócus da pesquisa

O ambiente escolhido foi uma escola de grande porte, com aproximadamente 1300 alunos, 140 funcionários. Abrange uma área de 600m², sua estrutura física de 02 pisos em alvenaria, coberta com telhas de fibrocimento e está compartimentada em 43 dependências sendo: 18 salas de aula, 01 pátio, 01 área de circulação, 01 sala da direção, 01 secretaria, 01 sala de professores, 01 sala da coordenação pedagógica, 01 biblioteca,

01 copa, 01 refeitório, 01 depósito de merenda escolar, 01 almoxarifado, 01 arquivo passivo, 08 banheiros, 01 sala de atendimento para alunos com deficiência, 01 quadra de esporte coberta para as atividades de educação física, também usada para eventos escolares, jogos, eventos da igreja e da comunidade.

A escola tem em seu quadro de funcionários 01 diretor, 02 vice-diretores, 10 coordenadores pedagógicos, 01 secretário escolar, 09 auxiliares de secretaria, 75 professores, dos quais 04 são lotados na sala multifuncional, 05 cuidadores, 05 professores facilitadores na biblioteca, e 48 funcionários de apoio e administrativo.

Ela atende a uma média de 1300 alunos, distribuídos entre o 6º, 9º e EJA (Educação de Jovens e Adultos), funciona de manhã e tarde com os alunos do Fundamental, e de noite com os alunos da EJA. As turmas são formadas por uma média de 30 alunos.

Observamos que no espaço escolar haviam alunos que apresentavam inúmeros problemas, tais como ansiedade, depressão, alunos que se mutilam (por não terem um acompanhamento psicológico ou por não saberem lidar com os problemas) e alunos usuários de drogas. Também observamos a falta de professores no horário das aulas. Apesar de tudo isso, a escola apresentou um espaço muito acolhedor para o desenvolvimento da pesquisa, mas diante da realidade em que vive a escola, há necessidade de se ter um olhar mais cuidadoso para

este espaço.

Ao demonstrar essa realidade, o local escolhido proporcionou um cenário real e relevante para a aplicação das estratégias de ensino baseadas em fábulas, mediante as perspectivas dos alunos da turma pesquisada, que são oriundos, em sua maioria, do interior do município, outros de bairros periféricos, sendo filhos de lavradores, agricultores, funcionárias do lar, marisqueiros, pescadores e beneficiários do Programa Bolsa Família.

3.2 Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio da observação participante da pesquisadora no ambiente escolar, tomando como prioridade a sala de aula, a relação professor-aluno, interesse pelas atividades, interações durante as atividades, socializações em sala de aula, pesquisa dos conteúdos ministrados, atividades de leitura, interpretação e escrita de textos. Essas observações foram feitas *in locu* com anotações em diário de bordo para subsidiar a construção do produto educacional. Nesta etapa participaram, além da pesquisadora, alunos e professores da escola pesquisada.

Nesta fase também falamos da seriedade da pesquisa e dos critérios a serem seguidos para que outras pessoas tivessem acesso ao estudo. Deste modo, os pais tiveram que assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para que eles estivessem cientes de como a pesquisa seria conduzida e autorizassem a participação de seus filhos menores de idade; os discentes, por sua vez, tiveram que assinar o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE).

3.3 Análise dos dados

Após a coleta dos dados, iniciou-se a descrição dos resultados, a revisão da literatura e o desenvolvimento da interpretação das informações coletadas no período da pesquisa *in locu*. A análise dos dados nos direcionou para a construção do Guia Didático, uma vez que foram encontradas evidências que mostraram muitas dificuldades na leitura, interpretação e análise de textos. Também identificamos problemas na escrita dos alunos quando realizavam atividades de produção de textos, falta de interação entre professores e alunos, pouco retorno das atividades, *bullying*, preconceito com os alunos PCDs por parte dos próprios colegas de turma, que se recusavam a realizarem atividades com os mesmos, além da pouca participação e interesse nas aulas.

A partir dos resultados obtidos, a análise concluiu que era necessário um produto

educacional que dialogasse com os professores e alunos, que atendesse às necessidades da turma, entretanto esclarecemos que o produto também poderá ser usado em outras séries e em outros contextos.

Tendo em vista a problemática citada acima, levamos em consideração os resultados e optamos pela construção de um Guia Didático que trouxesse as fábulas como textos a serem trabalhados, pois esse gênero nos possibilitaria o trabalho com questões sociais e morais tão presentes na sala de aula observada. Esse gênero também oferece um espaço de aprendizagem que pode auxiliar no desenvolvimento de competências e habilidades referentes à leitura e escrita dos discentes.

Os dados nos revelaram que o gênero fábula poderia contribuir na trabalho com a leitura e escrita de textos, uma vez que podiam tratar de questões como preconceito, *bullying*, violência, caráter, honestidade, esperteza etc. Por esses motivos selecionamos as seguintes fábulas para o produto educacional: O cavalo e o burro (Lobato, 1994), que serviu de texto introdutório; A Cigarra e a Formiga (La Fontaine, 1985); O Corvo e a Raposa (La Fontaine, 1989); A Tartaruga e a Lebre (Esopo, 2005).

As fábulas foram escolhidas pela pesquisadora intencionalmente, tendo em vista que os dados da pesquisa revelavam: a falta de interesse com as atividades trabalhadas, a falta de motivação, a falta de respeito com os colegas, a individualidade, a discriminação com o colega que apresentava maior dificuldade com a leitura, preconceito com o colega PCD, além de outros fatores que envolviam o ambiente escolar analisado.

3.4 Construção do produto educacional

O produto educacional (PE) é uma exigência do programa de Mestrado Profissional em Ensino de Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas da Universidade do Estado do Pará (UEPA). O PE consiste no resultado de um processo gerado a partir de uma atividade de pesquisa e deve ser elaborado com o intuito de responder a um problema que surgiu no campo de prática profissional (Rizzatti et al., 2020, p. 4). Nosso PE é constituído por um Guia didático para o ensino de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental, construído a partir das observações do contexto de sala de aula da escola pesquisada, onde o déficit de leitura e escrita tem dificultado muito o avanço da aprendizagem das crianças e adolescentes na referida série.

O Guia tem como objetivos corroborar para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita; fomentar a criatividade e a crítica; explorar valores e lições de vida, bem como promover a apreciação da literatura e da cultura.

A organização do Guia Didático foi pensada para o trabalho com os alunos do sexto ano e foi estruturado com atividades de forma lúdica, com jogos e competições, de maneira que o professor possa usar atividades com metodologia ativas de forma crítica e reflexiva, atraindo assim a participação dos alunos durante as aulas. O Guia Didático está organizado em sete capítulos que abordam diferentes aspectos do trabalho com fábulas em sala de aula:

O capítulo 1 - versa sobre o produto educacional. Neste capítulo a autora faz uma abordagem sobre o PE (Guia Didático) e como esse produto oferece diferentes possibilidades para o trabalho com a leitura, escrita e produção textual, incluindo orientações sobre como utilizar o material.

No capítulo 2 - a autora apresenta uma síntese diagnóstica com atividades que visam trabalhar diferentes habilidades de leitura, escrita, interpretação e criatividade por meio do enfoque de metodologias ativas, explorando as lições valiosas presentes nas fábulas: O cavalo e o burro (Lobato, 1994), A Cigarra e a Formiga (La Fontaine, 1985), O Corvo e a Raposa (La Fontaine, 1989) e A Tartaruga e a Lebre (Esopo, 2005). As estratégias de diálogo e socialização integram esse capítulo.

No capítulo 3 - a autora explica como o texto deve ser estruturado; traz ainda os elementos da narrativa, com conteúdos sobre essa temática, atividades que visam o desenvolvimento da leitura, interpretação e brincadeiras que auxiliam na aprendizagem.

No capítulo 4 - a proposta consiste na escolha de fábulas, leitura e reflexão sobre o texto narrativo, com sugestões de atividades, jogos e criação de histórias em quadrinhos.

Os capítulos 5, 6 e 7 trazem orientações sobre a estrutura textual, análise, produção e reescrita de textos. Em seguida, o Guia apresenta as considerações finais e as referências.

O Guia Didático explora o mundo das fábulas em sala de aula, utilizando essas histórias para desenvolver habilidades de leitura crítica, escrita e criatividade. Ao longo do PE, o professor encontrará sugestões de atividades, dicas práticas e recursos para trabalhar com fábulas de forma prática e divertida. O processo de construção do produto envolveu o referencial teórico, a utilização dos dados da observação participante, além das atividades teóricas e práticas que foram de grande significação para a elaboração do material didático.

3.5 Aplicação do Guia Didático

A aplicação do Guia Didático foi o momento em que colocamos em prática as atividades pensadas para o ensino de língua portuguesa. A turma escolhida e o professor da disciplina tiveram a oportunidade de experienciar um produto inovador e que muito irá contribuir para a

aprendizagem dos alunos.

O quadro abaixo resume os momentos de aplicação do produto educacional "Guia Didático":

Quadro 1 – Etapas de aplicação do “Guia didático”

1º momento: síntese diagnóstica	Atividades e apresentação do gênero fábula.
2º momento: Elementos da narrativa	Esta etapa teve como objetivo compreender os elementos que compõem uma narrativa (fábula).
3º momento: Escolha das fábulas, leitura e reflexão sobre o texto narrativo	Esta etapa teve como objetivo analisar em textos narrativos ficcionais, especificamente nas fábulas, a forma de composição própria desse gênero e os recursos que o compõem, além do trabalho com a leitura, interpretação e análise do texto.
4º momento: estruturação e produção do texto, organizado em três partes.	Prática de produção de textos em três momentos.
5º momento: Estudo do texto	Análise de textos. Essa atividade foi realizada coletivamente em sala de aula.
6º momento: reescritura da fábula	Reescrita das fábulas, com o objetivo de melhorar a produção de textos pelos discentes.

Fonte: arquivo da pesquisadora

Destacamos a seguir, de maneira detalhada, todas as atividades realizadas nos diferentes momentos de aplicação do Guia didático:

3.5.1 Primeiro momento – Síntese diagnóstica e apresentação do gênero fábula

Esta etapa foi realizada em 4 h/a de 45 minutos cada.

A aplicação do produto iniciou com um diálogo na turma sobre a proposta a ser trabalhada para, posteriormente, seguirmos com as atividades.

Nesse momento objetivamos, através das atividades realizadas, fazermos uma síntese diagnóstica. Para o feito, iniciamos com a leitura da fábula O cavalo e o burro (Lobato, 1994).

A seguir, desenvolvemos um trabalho de estratégias de diálogo e socialização com a turma:

- Dialogou-se sobre o gênero fábula, enfatizando a importância do gênero na sala de aula, o aprendizado que ela carrega consigo. Em seguida, apresentou-se o conceito de fábula como um gênero narrativo.
- Os alunos puderam expor os seus próprios entendimentos sobre o gênero.
- Explicou-se que a fábula é um gênero narrativo, no qual os animais apresentam características humanas e ganham vida para que a narrativa seja contada, também destacamos que cada fábula carrega um ensinamento, a moral da história, que serve para nos fazer refletir sobre muitas atitudes que tomamos e vivenciamos no nosso cotidiano.
- A seguir, iniciamos a leitura e interpretação da fábula O cavalo e o burro (Lobato, 1994).
- Nos passos seguintes, trabalhamos a versão moderna da fábula O cavalo e o burro (Lobato, 1994). Essa versão foi escrita pelos alunos para dramatização.
- Para a finalização da primeira etapa da atividade, foi realizada uma reflexão sobre a fábula. Os alunos escreveram um parágrafo sobre uma situação em suas vidas na qual poderiam aplicar a lição da fábula.

3.5.2 Segundo momento – Elementos da narrativa

Esta etapa foi realizada em dois dias com 3 h/a cada dia. Na primeira aula dessa fase realizamos uma atividade prática para que os alunos compreendessem os elementos da narrativa na fábula. A atividade consistiu em retirar de uma sacola as partes de uma fábula para preenchimento de um espaço de um mural no quadro negro. Antes de ser posta no mural o aluno fazia a leitura para os colegas e indagava se aquela parte estava situada no início, no meio ou

no final.

- Após o preenchimento do mural os alunos fizeram a leitura da fábula. Em seguida, foram destacados os elementos coesivos, as escolhas lexicais, os tempos verbais, bem como o tempo, espaço em que ocorreu a narrativa.

Na fase final da aula, apresentamos o conteúdo sobre elementos da narrativa. O trabalho foi concluído com um jogo (bingo das palavras) que teve como objetivo trabalhar com os adjetivos que remetiam a características dos personagens e, dessa forma, conduzir a interpretação e análise do texto.

3.5.3 Terceiro momento – Trabalhando com fábulas

Esta etapa foi realizada em 4 h/a de 45 minutos cada. Nas quatro aulas dessa fase, foram propostas atividades a partir da leitura das fábulas: A Tartaruga e a Lebre (Esopo, 2005), O Corvo e a Raposa (La Fontaine, 1989), A Cigarra e a Formiga (La Fontaine, 1985). Os alunos tiveram a oportunidade de escolher uma das fábulas para leitura e realização de atividades que consistiam no trabalho com os personagens (quem são eles), o tempo (cronológico e psicológico), o narrador (quem conta a história), espaço (onde aconteceu), enredo (sucessão de acontecimento que constitui a ação na história). Para conclusão dessa fase, utilizamos um jogo de tabuleiro e reescrita de uma história em quadrinhos sobre a Tartaruga e a Lebre.

Esta etapa teve como objetivo analisar em textos narrativos ficcionais, especificamente nas fábulas, a forma de composição própria desse gênero e os recursos que os compõem, além do trabalho com a leitura, interpretação e análise do texto.

3.5.4 Quarto momento – Produção de texto

Esta etapa foi realizada em dois dias com 3 h/a cada dia. Nesta fase, os alunos foram orientados a produzir uma fábula que deveria conter os seguintes elementos: o título da fábula e os personagens; planejar e desenvolver o enredo da narrativa (crie um problema ou um conflito para seus personagens enfrentarem levando a uma lição de moral aprendida) e, finalmente, o desfecho. As etapas dessa fase foram assim divididas:

PRIMEIRA PARTE: Organização do título da fábula; características dadas aos

personagens; escolha do vilão da história; reflexão sobre a lição que deveria aprender; pontuar qualidades e defeitos dos personagens.

SEGUNDA PARTE: Apresentação dos personagens; o ambiente onde acontecerá o conflito; intensificação do conflito para o momento de tensão entre os personagens.

TERCEIRA PARTE: Associação de todo o contexto da história para a organização da lição de moral, para dar sustentação ao aprendizado e a finalização da história com o olhar voltado para todo o contexto, a fim de seguir a lógica da coerência dos fatos.

3.5.5 Quinto momento – Estudo do texto

Esta etapa foi realizada em dois dias com 3 h/a cada dia.

As atividades realizadas foram: exposição dos textos em cartazes; leitura coletiva; compreensão textual; observação da estrutura textual; observar se o texto faz inferência à vida real; anotação do que ainda falta melhorar.

3.5.6 Sexto momento – Reescrita do texto

Esta etapa foi realizada em dois dias com 2 h/a cada dia.

Na etapa final trabalhamos coletivamente com a reescrita das fábulas, com o intuito de melhorar a produção de textos pelos discentes e possibilitar reflexões sobre a reconstrução das fábulas, o que possibilitou um maior aprendizado. Nessa fase também foi realizada uma atividade integradora para reflexão, que culminou em uma avaliação de todo o processo de desenvolvimento do estudo. A partir desse ponto, fizemos uma avaliação em conjunto de todo o processo de desenvolvimento da produção, sobre o que conseguiram aprender, o que não conseguiram e o que faltou para melhorar o aprendizado.

Seguem alguns textos produzidos pelos alunos:

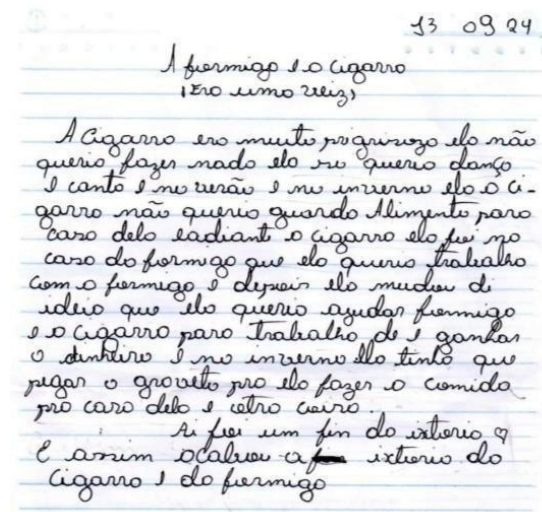
Figura 01: Texto produzido pelos alunos



Era uma vez,
 um certo dia Hicriu uma menina por
 nome Maria que gostava de trabalhar,
 fazer as coisas de casa ela era boa que
 gostava de ~~fazer~~ fazer o bem para pen-
 sar.
 A Talita ela era gostosa de cozin-
 har e fazer e por dentro ela no
 gostava de um garoto e queria tentar
 de manter e ela não dormia mal para
 dar Amigo quando ela chegou em casa
 ela tomava do pai e mãe.
 um dia ~~ela~~ trabalhou na casa de
 sua mãe e gostava de fazer tudo na casa
 de sua mãe quando chegou a Talita ela
 disse para a mãe não fazer as
 coisas mais na casa da mãe ela
 disse para ela para dentro que era para
 elas irem passar juntas a mais
 disse que na que ela não ia ~~por~~ porque
 tinha as coisas para fazer e ela não
 podia sair para passar.
 Talita era muito tímida não podia
 para mãe para passar e não voltava no
 outro dia dela ~~viz~~ ela saiu e quando voltou
 pegou uma roupa da sua mãe.

Fonte: arquivo da pesquisadora

Figura 02: Texto produzido pelos alunos



13 09 24
 A formiga e o cigarro
 (Era uma vez)
 O Cigarro era muito rico e não
 queria fazer nada ele não queria dançar
 e cantar e não queria e não queria ele o Ci-
 garro não queria guardar dinheiro para
 caso dele e quando o cigarro ele foi no
 caso do formiga que ele queria trabalhar
 com o formiga e depois ele mudou de
 ideia que ele queria ajudar formiga
 e o cigarro para trabalhar de e ganhar
 o dinheiro e no inverno ele tinha que
 pagar o imposto pro ele fazer o comido
 pro caso dele e outro caso.
 se foi um fim do exterior e
 e assim o cigarro e o exterior do
 cigarro e do formiga

Fonte: arquivo da pesquisadora

Na aplicação do produto, todas as etapas foram acompanhadas pela pesquisadora e pelo professor da turma. A cada atividade de leitura e escrita fizemos uma avaliação do desempenho dos discentes, essa dinâmica também foi realizada nas atividades lúdicas, jogos, brincadeiras, sempre com o objetivo de acompanhar os avanços e retrocessos. Desta forma, observamos que alguns tiveram um melhor desempenho em algumas atividades como a leitura, outros demonstraram um pouco de dificuldade na escrita, a maioria apresentou dificuldade ao fazer relação da fábula com suas vivências. Contudo, observamos que, mesmo com as dificuldades de cada um, as atividades em equipe foram muito válidas, pois sempre alguém se destacava mais que os outros e impulsionava a condução dos trabalhos, inclusive em algumas atividades inserimos a disputa como incentivo para as equipes.

3.6 Análise da aplicação do produto

A aplicação do produto nos levou a refletir sobre a prática de sala de aula, como estão sendo desenvolvidas as metodologias de ensino para que o aluno seja alcançado na sua diversidade? Como está acontecendo a relação professor/aluno? Qual o interesse pelas atividades em sala e o que a escola tem feito para conquistar esse aluno? Essas reflexões poderão dar suporte para se repensar algumas práticas docentes.

Ao ouvir as falas e ver certas atitudes dos discentes no dia a dia da sala de aula, surgiu a decisão de trazer brincadeiras e atividades lúdicas agregadas às atividades entre equipes, para que pudessem se apoiar por meio de suas habilidades. Neste ponto, verificamos que tínhamos

um ponto a nosso favor, organizamos cada atividade pensada para alcançar o aluno e levá-lo a entender o que realmente o estudo propunha, e verificamos que desta forma havia dado certo.

Na organização da construção da estruturação do texto alguns discentes foram escrevendo com muita dificuldade o nome dos personagens, o local onde acontecia a história e as ações dos personagens. No entanto, quando alguém apresentava alguma dificuldade era feito uma intervenção para auxiliá-los. Dessa forma, o trabalho fluía de forma mais leve e dinâmico. Com o auxílio no desenvolvimento das atividades e na condução de todo o processo, o avanço na produção dos discentes do primeiro para o segundo texto é bastante perceptível.

Na produção do primeiro texto, alguns alunos só reproduziram a história no mesmo contexto; no segundo, eles se voltaram para a sua realidade, a vivência com a mãe, na convivência com o colega, a relação desafiadora com tentativa de influenciar o colega a fazer o que o outro quer. Na verdade, eles conseguiram construir essa relação, trazendo o gênero fábula para dialogar com a realidade deles. Ao produzirem os textos, os alunos utilizaram pseudônimos para não citar o nome de colegas do seu convívio escolar.

Consideramos destacar a relação das fábulas com problemas inerentes àquele espaço ou à realidade dos sujeitos, como o *bullying*, a ansiedade, a depressão, o preconceito, a violência psicológica, a rejeição familiar, abusos sexuais e o uso de drogas. Esses fatores têm contribuído para o surgimento de sérias consequências como a mutilação, a exposição da imagem dos colegas nas redes sociais, a violência física, o choro, entre outros problemas que precisavam ser dialogados dentro do espaço escolar com mais seriedade e compromisso com a causa, tomando como responsabilidade atender às necessidades dos alunos.

O Guia Didático não é um produto educacional pensado para que o discente aprenda a ler e escrever de forma mecânica, mas buscar conhecer, por meio da leitura, as inúmeras possibilidades de analisar o que há nas entrelinhas das fábulas, o modo de viver de cada um no meio social, e partir deste entendimento para pensar, refletir, e criticar diante da sua compreensão dos fatos, que estão a sua volta.

Por isso, oportunizamos abrir espaços dentro do processo de desenvolvimento do Guia Didático, para que o discente pudesse sentir prazer em participar das atividades. Observamos que alguns alunos se envolveram mais ativamente no processo de ensino-aprendizagem, outros um pouco menos, mas ao final percebemos que o guia conseguiu atingir o seu objetivo.

Na aplicação do Guia Didático, nos valem das metodologias ativas como grande auxiliar no desenvolvimento das atividades, que se utilizou da aprendizagem colaborativa, em que todos os membros das equipes compartilham das tomadas de decisões e tomam como responsabilidade a eficácia do trabalho ou atividade que está sendo desenvolvido, em comum

acordo com o interesse de todos.

Essa proposta possibilita o trabalho em equipe, o discurso vivo na interação entre eles, o diálogo sobre as críticas recebidas em relação às atividades, assim como as decisões que terão que partilhar, por isso, a importância da proposta das metodologias ativas na educação.

Com base no aprendizado que predispõe a metodologia colaborativa, os resultados foram alcançados por meio dos jogos, das atividades lúdicas, das produções, da interação com os colegas, da participação, pontos relevantes para o avanço no desenvolvimento do aluno.

O seguimento da estrutura textual para a organização da escrita do texto, assim como as produções escritas, mostraram as dificuldades e os avanços de cada aluno em pontos como a escrita, a leitura, a compreensão, a produção textual e o entendimento diante da relação autor-texto-leitor. Os instrumentos de avaliação utilizados durante a pesquisa foram feitos por meio da observação no desenvolvimento das etapas, pois não cabe neste estudo avaliar por meio de notas ou questionários de perguntas e respostas, mas sim observar como acontece o avanço em cada momento em que as atividades são propostas a eles. Por esta razão, o diálogo com a turma, interação com jogos, interação com colegas e professores, participação, escuta dos alunos, disposição diante das atividades de leitura e escrita e o acolhimento de todas as estratégias utilizadas com o gênero fábula, serviram de instrumento avaliativo diante do desempenho do aluno.

3.7 Validação do produto

A validação do produto educacional foi realizada por meio da exposição do produto no datashow, da elaboração de questionários e do diálogo com os professores de língua portuguesa que pontuaram a importância de trazer a fábula para discutir temáticas muito presentes no ambiente escolar.

Quando à viabilidade de aplicação do Guia Didático, os professores viram a possibilidade de realizar a aplicação de um trabalho a ser desenvolvido a longo prazo.

A validação da proposta aplicada se deu em um momento na escola com os professores de Língua Portuguesa, foram organizados questionários e exposição do Guia Didático, os docentes também tiveram acesso a produção dos alunos. Além disso, os professores e alunos do mestrado também deram a sua contribuição quanto à validação do produto, diante do olhar de cada um, ambos contribuíram para a melhoria das atividades. O produto foi avaliado pela sua capacidade de engajar os alunos e promover um aprendizado significativo.

4 A VIVÊNCIA E IMPACTO DA PESQUISA SOBRE O USO DE FÁBULAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

A realização desta pesquisa sobre o uso de fábulas no ensino de Língua Portuguesa foi uma experiência enriquecedora e transformadora, tanto para a pesquisadora quanto para os participantes. A escolha das fábulas como ferramenta pedagógica se mostrou particularmente relevante no contexto educacional pós-pandemia, no qual a necessidade de elaborar estratégias eficazes para recuperar o aprendizado perdido se tornou urgente. As fábulas, com suas narrativas envolventes e lições morais, ofereceram um meio acessível e motivador para engajar os alunos no processo de ensino e aprendizagem.

Durante a pesquisa, foi observado que as fábulas desempenharam um papel crucial na reconexão dos alunos com o ambiente escolar. Após um longo período de ensino remoto e isolamento social, muitos alunos retornaram às salas de aula com dificuldades de leitura e escrita, além de apresentarem um desinteresse generalizado pelo aprendizado. As fábulas, com suas histórias curtas e impactantes, capturaram a atenção dos alunos e despertaram seu interesse pela leitura. Essa reaproximação com o texto literário foi fundamental para restabelecer a confiança dos alunos em suas habilidades de leitura e escrita.

A pesquisa também destacou a importância das fábulas na promoção de habilidades críticas e reflexivas. Ao relacionar as histórias das fábulas com suas próprias experiências e vivências culturais, os alunos foram incentivados a refletir sobre questões sociais e morais, desenvolvendo um pensamento crítico e uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. Essa capacidade de reflexão crítica é essencial para a formação de cidadãos conscientes e engajados, especialmente em um mundo pós-pandêmico que exige novas formas de interação e compreensão social.

Ademais, observou-se que as fábulas serviram como um ponto de partida para a produção textual significativa. Os alunos participantes foram encorajados a contar e recontar histórias, incorporando elementos de suas próprias vidas e culturas. Desta feita, o processo de criação não apenas melhorou as habilidades de escrita, como também promoveu a expressão de identidades e perspectivas dos discentes. Por fim, este trabalho possibilitou perceber que, ao dar voz aos alunos e permitir que eles se vejam refletidos nas histórias, as fábulas possibilitaram a inclusão e valorização da diversidade cultural.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho se revelou como uma oportunidade para enfrentar os desafios educacionais contemporâneos. As fábulas, com suas narrativas envolventes e lições morais, proporcionaram um meio acessível e motivador para engajar os alunos no processo de aprendizagem. Ao explorar as fábulas, os alunos participantes puderam desenvolver habilidades críticas e reflexivas, essenciais para a formação de cidadãos conscientes e engajados.

Neste viés, a experiência de condução dessa pesquisa destacou a importância de adaptar as práticas pedagógicas às necessidades específicas dos alunos. O uso de fábulas permitiu que o pesquisador abordasse as lacunas de aprendizado de maneira criativa, ao oferecer um currículo que não atendesse unicamente aos objetivos educacionais, mas que também pudesse respeitar e valorizar as experiências dos alunos. Essa abordagem foi fundamental para o desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem onde o aluno pudesse ser ouvido, juntamente com seus anseios, diante de tantas perguntas e desabafos.

Além disso, a pesquisa demonstrou que as fábulas podem servir como um ponto de partida para a produção textual significativa. Os alunos foram encorajados a criar e recriar histórias, ao incorporar elementos de suas próprias vidas e culturas. Esse processo de criação não apenas melhorou suas habilidades de escrita, como também promoveu a expressão de suas identidades e mostrou a leitura e escrita sob outras perspectivas.

As fábulas são histórias inventivas que trazem uma contribuição significativa para o entendimento da vida em sociedade. Elas possibilitam ao sujeito, por meio do entendimento, refletir sobre as falas dos personagens como discurso vivo diante dos acontecimentos que são acometidos em cada momento, desta forma permite que eles se vejam refletidos nas histórias e tome posse de suas vozes.

Dar sentido ao ensino de língua portuguesa, nesse contexto, nos conduz a uma reflexão diante do ensino aprendizagem do aluno baseado no ensino da gramática normativa, quando as. Nesse contexto, dar sentido ao ensino de Língua Portuguesa nos conduz a uma reflexão crítica a respeito do ensino e aprendizagem do aluno baseado na gramática normativa, pois sabe-se que a memorização de regras e nomenclaturas distanciam o discente da construção do significado. Daí a necessidade de construir uma metodologia que possibilite a interação autor-texto-leitor, uma vez que o aluno seria parte integrante desse processo e, deste modo, passaria a construir sua relação com o texto, ao se expressar através da oralidade e perceber-se como elemento constituinte do texto.

No entanto, não estamos propondo o ensino da língua portuguesa sem a abordagem da

gramática normativa, muito pelo contrário essa abordagem se faz necessária tanto na escrita quanto na leitura, entretanto o que se questiona é um ensino pautado somente na nomenclatura, como se o ensino da gramática desvinculada do contexto fosse a forma mais acertada para ele aprender a ler e escrever.

O uso das fábulas como objeto de ensino se destacou por sua capacidade de conectar os alunos com suas próprias experiências e vivências culturais, o que facilitou a compreensão textual e a produção de textos significativos. Ao relacionar as histórias das fábulas com a realidade dos alunos, possibilitou-se um aprendizado mais contextualizado e relevante, essencial para o desenvolvimento de competências linguísticas e críticas.

Desta forma, a pesquisa foi conduzida por um envoltório de muitas conversas, interações e brincadeiras, que puderam deixar os alunos mais à vontade. Partindo dessa relação, conseguimos conduzir todo o estudo, cujos pontos positivos tem-se a escrita, a fala e a vivência de cada um.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial. 2003.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação verbal**. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.p.261-306.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. BNCC (Competências Específicas de Linguagens para o Ensino Fundamental). Brasília, 2018.

CANDIDO, A. A Literatura e a Formação do Homem. In: **Textos de intervenção**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2002. P.77-92.

ESOPO. **A lebre e a tartaruga**. Blumenau-SC: Todolivre Editora, 2005.

FRANCO, Neil; PEREIRA, Rodrigo Acosta; COSTA-HÜBES, Terezinha da Conceição. (Org.). **Estudos dialógicos da linguagem: reflexões teórico-metodológicas**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MESQUITA, A (Coord.). **Pedagogia do imaginário: Olhares sobre a literatura infantil**, Porto: Asa. 2002.

LA FONTAINE. **Fábulas de La fontaine**. Tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage. Rio de Janeiro: Brasil-América, 1985.

LOBATO, M. **Fábulas**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1994.

MOREIRA, Gabriella Candido; MENDES-POLATO, Adriana Delmira. **Análise linguística em perspectiva dialógica: a fábula em proposta de prática no 6º ano do ensino fundamental.** Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli, Crato, v. 10, n. 1, p. 199-221, jan.-abr. 2021.

PEREIRA, R. (orgs.). **Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, p. 141-162.

SOBRAL, A.U.; GIACOMELLI, K. **Elementos sobre as propostas de Voloshinov no âmbito da concepção dialógica de linguagem.** In: RODRIGUES, R.H.; ACOSTA-PEREIRA, R.(orgs.). In: Estudos dialógicos da linguagem e pesquisas em Linguística Aplicada. São Carlos: Pedro & João Editores, 2016, P.141-162.

SOUZA, A. L. A; VILAÇA, A. L. A.; TEIXEIRA, Hebert J. B. Os benefícios da metodologia ativa de aprendizagem na educação. *In*. COSTA, Gercimar Martins Cabral (Org.). **Metodologias ativas: métodos e práticas para o século XXI.** Quirinópolis, Editora IGM, 2020. p. 33-47.

TANAJURA, L. L. C.; BEZERRA, A. A. C. **Pesquisa-ação sob a ótica de René Barbier e Michel Thiollent:** aproximações e especificidades metodológicas. Revista Eletrônica Pesquisaeduca. Santos, SP, vol. 07, n. 13, p. 10-23, jan./jun., 2015.

TRIPP, D. **Pesquisa-ação:** uma introdução metodológica. Educação e pesquisa, São Paulo, v.31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005.

VALENTE, J. A.; ALMEIDA, M. E. B.; GERALDINI, A. F. S. **Metodologias ativas:** das concepções às práticas em distintos níveis de ensino. *Rev. Diálogo Educ.*, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr. 2017. DOI: <https://doi.org/10.7213/1981-416x.17.052.ds07>. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-416X2017000200455&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 24 mar. 2023